

João do Crato: resistência ativista entre as temporalidades distintas e tensões contínuas

Walisson Angélico de Araújo¹

Resumo: Esta cartografia busca tecer com João do Crato, artista do Ceará, narrativas de uma representação política não-institucionalizada e que é costurada pelo corpo a partir da arte. Pensando na cultura como um modo integral de vida costurasse uma bricolagem subcultural com o artista, na busca de ver as disputas políticas e de resistência das dissidências sexuais e de gênero indo de encontro às normatividades sociais e cristalizadas da região ao sul do Ceará, no Cariri.

Palavras-chave: Ativismo, Corpo e performance, Cariri

¹ Mestrando da linha de pesquisa Culturas da Imagem e do Som no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) Integrante do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCus) do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) Professor Milton Santos da UFBA. Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). <https://orcid.org/0000-0002-8803-0292>

Este trabalho parte de um interesse de disputar narrativas em torno do campo da cultura e da arte com um artista do Ceará, João do Crato. Desde 2019 desenvolvo uma cartografia com o artista que vem sendo acoplada a uma construção textual maleável e híbrida, que se constitui de processos que vão disputando narrativas entorno da própria pesquisa que emergiu como parte da monografia deste investigador e agora continua em desenvolvimento no Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia.

Com entrada pelos estudos culturais, penso com Grossberg (2010) a relação entre afeto e cultura, ao qual a cultura não pode ser tida como separada da noção de entorno social e material, ao qual o mesmo propõe reflexões de como os dispositivos de poder, dos meios hegemônicos, determinam mapas a serem seguidos da construção do outro, ao qual o que difere da norma é o outro, o diferente. Sendo assim, quais emergências nas cenas de João do Crato deixam ver disputas políticas das dissidências sexuais e de gênero indo de encontro às normatividades sociais?

Pensando em cultura como um modo integral como propõe Raymond Williams (1979), vejo como preciso pensar em uma contextualização radical que reivindique sentidos impregnados na estrutura e com isso auxiliar a pensar nos novos sentidos que estão emergindo, entrecruzando-se uns aos outros, permitindo compreensões o complexo universo dos processos sociais.

Com João narrarei histórias de sua vida que auxiliarão a compreensão de que a sua trajetória foi um impulso e instiga para encorajar outras vidas que cruzaram a sua, inclusive de pessoas LGBTIA+, como a de Daniel Peixoto, cantor e *performer* do Ceará que atualmente mora em São Paulo.

O meu corpo se insere neste processo que iniciara em 2016, ao qual estive pela primeira vez em um show de João do Crato e desde aquele momento, vivências foram sendo tecidas nas camadas do meu corpo e com elas, fui me engajando, como forma de

afeto², um projeto político engajado de perceber distintos modos de vida que estão em jogo. Meu corpo, transitando entre espaços físicos, conversas em ambiências digitais, *lives* e shows que o artista esteve imerso, me propuseram ver brechas e zonas de tensão que o artista vem produzindo pelas suas andanças e afetos, ao qual foram essenciais para tecer esta cartografia se acoplando às lentes de Deleuze e Guatarri (1995) e Rolnik (2016).

Busca-se identificar em meio às forças dominantes e residuais do Cariri as políticas que narram além dos estereótipos do que é Nordeste (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011) e do que é compreendido como homem nordestino, visto geralmente como regionalista, tradicionalista e que abomina a feminização (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013).

Teço em forma de bricolagem subcultural (CLARKE, 2003) narrativas culturais, temporais e de gênero que auxiliarão ver micropolíticas artivistas das dissidências sexuais e de gênero (COLLING, 2018). Os dados deste texto foram sendo aglutinados em um processo desde 2019, entre conversas presenciais com João e outras que se sucederam em ambiências digitais pelo WhatsApp, no decorrer de 2020, devido a pandemia da Covid-19. Para narrar uma sobreposição de vidas que se entrelaçam, utilizo-me de uma entrevista semiestruturada com Daniel Peixoto pelo aplicativo WhatsApp, realizada em 2020 para construir essa trajetória política em um enlace de gerações distintas.

Agora, aqui neste processo, tentarei construir uma disputa que borra o que está instaurado como tempo e história para apresentar a participação política LGBTI+ de um artista que vivenciou na pele a repressão coronelista de uma cidade (no Crato, na Mesoregião do Cariri, Ceará, no Nordeste) e ditatorial de um país (1964-1985) como artista que sempre trouxe em suas performances a irreverência e a tensão contra as

² Não utilizo de afeto aqui como forma de carinho, não que este não possa ser também inserido no processo da pesquisa. O afeto aqui está posto como corpos que se afetam no encontro, no enlace da experiência de engajamentos políticos que deixam ver para além do superficial e do que está cristalizado.

normas e o tecido social de um local que é visto muitas vezes como Seleiro Cultural, parado no tempo e no rural.

Pensando com Williams (1979) com a estrutura de sentimentos, é perceber que esta não se configura apenas no individual, mas em uma complexa teia social sobreposta de relações de poder (materialidades econômicas, estruturas sociais e políticas), assim como (re)produções de sentidos. Evoco temporalidades distintas para construir uma disputa pelo agora e pelo futuro, que logo ambos, serão vistos como passado, então, aqui, mesmo que seja difícil não cristalizar algo ou categorizar, reflito dando abertura para reflexões outras que nos permitirão pensar em uma teia micropolítica que urge para a anulação das histórias unívocas.

Ao mesmo momento que esse texto se constrói, destaco que nada é fixo e cristalizado, tudo pode mudar ou acontecer, uma constelação está sendo costurada. Será preciso entrecruzar histórias de vida, como um “nós”, não um eu, então para tecendo uma teia colaborativa, o investigador será também auxiliado pelas falas de Daniel Peixoto, sendo estas fundamentais para potencializar e contrastar como as narrativas de João nos permitem ver movimentos de engajamento político tecidos pelo corpo contra as institucionalidades e repressões normativas.

Do movimento contracultural à contemporaneidade, João do Crato parece nos permitir articular nuances de participação política LGBTI+ tecidas pelo corpo que dança e que se desloca pelas ambiências sociais. Este trabalho visa tecer uma sobreposição de micropolíticas que nos auxiliarão a compor reflexões sobre resistência e dissidências de um corpo político irreverente contra as normas de um local por meio da sua participação enquanto artista e ator social.

Bricolagem entre as espacialidades e temporalidades dissidentes com João do Crato

Uma das estudiosas do pensamento de Raymond Williams é Itânia Gomes (2012), ao qual ela articula que “estrutura de sentimento vai se configurando, portanto, como um recurso que Williams mobiliza para compreender a maneira como vivemos” (p. 38).

Para Gomes (2012), a estrutura de sentimento é algo tão firme e definido como as relações que nos envolvem, definidas e estruturadas, mas também tem a ver com modo de sentir, de como enfrentamos; disputas que implicam o modo de fazer, de pressões distintas que estão em campo, “uma outra concepção de cultura e da relação entre cultura e sociedade” (p.39), “mas desvemos ter em mente que esse processo não ocorre sem resistência, sem conflito” (p. 40). Para isso, é preciso articular, desarticular e rearticular entre o que está inscrito no tempo, na história e na cultura de um local a partir de falas de um artista destaca sempre tido dentro de si, a vontade de “ir além”, além do conservadorismo, do coronelismo e das pressões estéticas e sociais hegemônicas.

A criação de mundos, de metáforas, para o cartografo, é essencial, “dar língua para os afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2016, p. 23), mergulhar nas intensidades possíveis; entre memórias e o agora, composto por linguagens. Relembrar que “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE e GUATARRI, 1995, p. 11-12). Tensão contínua entre temporalidades distintas que estão presentes na música, na roupa, na memória, na forma de tricotar a sua história de vida e ser política de resistência em meio ao conservadormismo.

João Ulisses Filho, mais conhecido como João do Crato, nascido em uma família de nove irmãos. Por parte do seu pai, é descendente dos índios Kariris, já por

parte de sua mãe, dos caboclos potiguaras misturados com holandeses. O artista relembra sobre sua trajetória ainda quando pequeno, ao qual o seu pai, na época das fortes intempéries climáticas na região trabalhava no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), responsáveis pela construção de estradas, açudes, linhas de transmissão de energia e sistemas de abastecimento de água. Por seu pai trabalhar em trânsito entre as cidades do estado, ele relembra que todos os irmãos nasceram em lugares diferentes, apenas um nasceu no Crato. João acabara nascendo em 1954 no Norte do estado do Ceará, em Aracatiaçu, próximo a Sobral. Ao nascer, voltou para o Cariri, tendo uma passagem breve pelo Crato, e logo foi residir uma temporada no Latão, em Nova Olinda.

Ainda nos anos de 1950 se mudou para Senador Pompeu e traz nas lembranças a nostalgia de ter morado às margens do Rio Patú, afluente do Rio Banabuiú. Nesta trajetória ele não deixa de lado a memória da primeira infância, onde tomou muito banho de rio, brincava de encenar dramas no fundo do quintal com seus irmãos e irmãs, visto que ele nunca gostara de jogar bola e nem atirar pedra com baladeiras, ou das típicas “brincadeiras de menino”. Em uma entrevista cedida para o Sociólogo Roberto Marques em 1999, o cantor destaca que se sentia pressionado, então ainda chegou a brincar de brincadeiras vistas como de menino, como jogar bola, pois sentia que se não participasse seria mais complicado, tendo em vista a pressão da época³.

João atribui destaque para a rádio e a televisão na sua trajetória, por onde teve acesso às músicas brasileiras e internacionais. Na sua trajetória, o artista recorre à sua infância e narra memoravelmente a disputa por espaço para escutar a amplificadora (radiadora), o embrião do rádio, em Senador Pompeu. Acredita-se ter sido no final dos anos 1950, início dos anos de 1960. João relembra que naquela época escutava Ângela

³ Recorte da fala de João do Crato em Marques (2016): “[...] Desde pequeno que eu cantava (...) Eu não ia caçar de baladeira, eu não ia jogar bola com os outros, e cheguei até a jogar, porque [estalo com as mãos] por- que eu sentia que se eu não fosse, seria muito mais difícil, não é? Então eu cheguei a jogar bola, cheguei a fazer coisas que os meninos da minha época faziam, mas porque eu já sentia uma pressão muito for- te da, da...do meio em que eu vivia, porque eu era diferente.”

Maria, Dalva de Oliveira, Silvio Monteiro, Miguel Aceves Méjia, Elvis Presley. “Você escutava um universo de músicas que rodava diariamente”, comenta o cantor ao lembrar dos seus quatro ou cinco anos de idade tomando banho de rio.

Ao retornar de Senador Pompeu para o Latão, João relembra que logo depois de um tempo, entre idas e vindas ao Crato, foi o momento de ir estudar no Crato, tinha por volta dos dez anos de idade, isso por volta de 1964. Desde cedo, João viver a repressão na pele, pois antecedendo a própria ditadura militar (1964-1986), tinha o forte Coronelismo da região:

Quando eu era criança eu tinha muita vontade de dançar, aí eu via o [Mijaíl] Barýshnikov e achava ‘ô que maravilha como eu queria dar um salto como esse’, mas não podia, porque aqui não tinha balé clássico e muito menos porque a própria repressão que se vivia na época do regime militar [...], e aqui principalmente no crato que traz arregrado toda essa coisa do coronelismo (entrevista com João do Crato em 12 de abril de 2019)

Segundo contribuições de Galvão (2010), os coronéis apresentavam um estereótipo de poder quase absoluto, constituindo-os, assim, para a região, como líderes, pois eram ricos, poderosos, filhos de famílias importantes e há gerações donos de terras e poderes políticos no Crato⁴.

O artista gostava mesmo era dos dramas, histórias que pareciam teatro popular, “uma cortina se abria e a apresentação começava, sobre amores fracassados, aquelas coisas”, relembra o *performer* em uma entrevista do Narrativas em Volta do Fogo, projeto de cultura e extensão da Universidade Federal do Cariri (UFCA), com apoio do Centro Cultural Banco do Nordeste e da Secretaria de Cultura do Crato.

Passou a infância ligado às danças, aprendera a dançar desde pequeno, relembra que com quatro ou cinco anos já era conhecido como piolho de samba, porque as irmãs

⁴ Município localizado na Mesorregião do Cariri, ao sul do Ceará, sendo composta pelos municípios de Barbalha, Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri.

mais velhas o levavam para as festinhas e ensinavam ele a dançar. O cantor relembra das ondas sonoras do rádio, ao qual conheceu por elas o Bolero, e os ritmos latinos que estavam sendo lançados, como a Rumba e o Chá-Chá-Chá.

Brincante de folguedos⁵ como as lapinhas e o reisado, João não esquece da memória dos rituais dos forrós à luz de candeeiro, cantorias com violeiros a noite e das cenas artísticas que foram sendo tecidas à sua narrativa. Ele não esquece que por volta dos dez anos de idade ele começou a dançar o Twist, dança inspirada no *Rock and Roll*, sucesso mundial nos anos de 1960. “Era Chuck Berry, Elvis Presley, Little Richard, Celly Campello [...] foi muito bom”, relembra.

Teve sua adolescência reprimida, foi quando sentiu na pele o quanto que o Crato era uma cidade tradicionalista, careta, aquela burguesia do crato, as famílias tradicionais, de coronéis e não esquece do número de suicídios pois não aguentavam “a pressão da família tradicional cratense que foi sempre muito grande e preconceituosa e racista e homofóbica, tudo, já tinha tudo isso só que com outros nomes”, recorda João sobre o trágico período em que perdera vários amigos com 16, 17 e 18 anos.

Do espectro televisivo, João cita David Bowie, quando se vestia da androginia de Ziggy Stardust, Ney Matogrosso, com a selvageria do pássaro pagão, Little Richard, quando aparência sem uma sobrancelha e colocava um batom nos lábios no palco, Marc Bolan, do grupo de glam rock T-REX, que usava muito cílios postiços e saltos carrapetas, os Mutantes quando “pareciam que estavam se preparando para entrar em uma nave espacial e ir para outro planeta, para outra galáxia de tanta parafernália utilizada nas performances”, Rita Lee, entre outros.

Ele viveu uma adolescência que restringiu a suas experiências, mas ao mesmo tempo, resistiu. “Nessa época começava a surgir muito mais forte a questão da repressão militar [...]” não se podia estar em roda, em grupos reunidos, a polícia chegava mandando dispersar, “era muito repressivo”, recorda João. Aí começou a surgir muito

⁵ Manifestações culturais regionais, como reisados, maracutus, penitentes, etc.

mais forte o movimento do *Rock and Roll* e da Música Popular Brasileira (MPB), “a cidade virava uma grande efervescência musical”.

Nos anos 1970, quando João estava perto de completar seus 18 anos de idade, se aproximava a época de servir o Tiro de Guerra, que é tradicionalmente lei no Brasil quando os homens completam 18 anos. Isso o apavorava, pois temia o exame da goma, exame que contabilizava a quantidade de pregas anais que estavam marcadas na massa, sendo considerado como um exame homofóbico. “Eu achava terrível isso”, pontua. Foi então que ele foi para Fortaleza, capital do Ceará para estudar e com sede de ver outras possibilidades. Lá de fato ele foi dispensado do Exército.

Na década de 1970, ao chegar em Fortaleza João percebeu que havia uma fome coletiva de mudança borbulhando influência do movimento contracultural. Tendo que estudar e trabalhar, paralelamente, João foi adentrando nas cenas do “*rock* urbano de periferia”, movimento mobilizado com outros artistas, um grito cultural de uma geração, o início de uma revolução que acontecia de maneira localizada e multifacetada. Havia uma sensibilidade marginal, uma rejeição anti todo excesso moralista forjado dos anos de ditadura militar.

A década foi marcada pelo som progressivo, psicodélico e regional da banda Perfume Azul, no qual João foi *back vocal* em Fortaleza. Tinha também o Wagner da Engenharia que fazia um som radical. Siegbert Franklin que tinha a banda A Boca da Noite e que integrou a banda Perfume Azul ao lado de Lúcio Ricardo; “o Gordo”, que morava na 13 de maio, com uma banda de rock progressivo e a Chá de Flor que começou a se configurar com João do Crato ao lado de pessoas como Mônia Gadelha, Lúcio Ricardo, entre outros. Foi então na capital que João adentrou com maior intensidade na música.

Figura 1: Performance de João no final da década dos anos 1980 antigo SESI Crato (Dihelson Mendonça, Cleivan Paiva, João do Crato e Demontier Delamone)



Fonte: Facebook do pesquisador da cultura do vinil Evandro Peixoto⁶

O *performer* remonta que sempre teve uma corporeidade bastante forte, costura entre participação dos grupos de tradição que dançara, das influências das danças que foi se acoplando às suas narrativas, de ter acompanhado todo o processo corporal das mulheres quando iam lavar roupa na beira dos açudes. “Eu sempre admirei e achei que eu tinha que fazer isso pra fazer o choque mesmo”, argumenta João.

⁶ Disponível em: <<https://cutt.ly/0hFjIBe>>. Acesso em: 13 de julho de 2020

Esses múltiplos entrecruzamentos sonoros e corporais foram tecendo suas manifestações, auxiliando a projeção de questionamentos sobre sua própria trajetória: “O que que eu vejo aqui e o que é que eu vejo de fora? O que eu enxergo lá fora? O que está acontecendo lá na Europa, na África, na Ásia? O que está acontecendo na América Latina? Tudo. O que é isso? Que arte é essa que eu quero ter, fazer essa ligação do regional com o universal?”, indaga. É nesse ponto que é possível associar o que João entende por ser tido como “diferente” desde a infância com a proeminência artística.

Ao mesmo tempo em que isso ocorria, as disputas estavam em possibilitando ver emergências que eram disputadas paralelamente, como o movimento Paz e Amor, Pós-guerra do Vietnã, a juventude clamando por justiça; revolta no ar. Para o artista a conexão com o rádio e à tevê, no que diz respeito ao movimento cultural da época lhe foram importantes para “dar uma visão de mundo”, comenta.

Sobre fazer arte e cultura, o artista sempre buscou estar “[...] um passo a frente das coisas”. Pensando na roupa como próteses identitárias (BENTO, 2008), que ao refletir com Bento (2008) citamos um exemplo básico para compreensão, menino veste azul e menina veste rosa, ou então, menino brinca de bola e menina de boneca, seria assim uma forma de refletir as roupas do artista como parte de uma beleza despossuída; uma rejeição anti todo excesso moralista forjado dos anos de ditadura militar e do coronelismo instaurado na região do Cariri.

Figura 2: Remoenda - show de João do Crato com a banda Na Base da Chinela



Fonte: acervo pessoal, 2019

Com a roupa do artista, podemos pensar a importância dessa ruptura proposta com a passagem dos anos 1960, 1970 e 1980, com o *rock and roll*, o *punk* e outros movimentos de contracultura que fortaleceram a ideia de “comportamento transgressor” (GADELHA, 2018, p. 34), desprezando as convenções naturalizadas e sagradas, utilizando-se do suporte da indumentária, dos trânsitos corporais e da performance, assim como uma ambiguidade sexual, “ao valorizar a indumentária, com figurinos realçados em tecidos brilhosos, excesso de cores e introduz a androginia” (p. 16-17). Sobre este assunto, João não se reprime, pois para o cantor, a roupa é,

uma linguagem de muita liberdade, de muita ousadia e que é legal; eu não tenho nenhum problema e acho que vou ser sempre assim. Não tenho

nenhuma pretensão de me conformar (entrevista com João do Crato realizada em abril de 2019)

Nos anos 1980 João volta para o Crato pulsando forte e começa a tocar em barzinhos, festivais, musicais de teatro, bailes, assim como também participar das cenas teatrais e culturais do Cariri. João viajou para a realização de shows pelo interior do Ceará, Piauí, Paraíba e Pernambuco, ao lado da Banda Cariri, em que tinha como o guitarrista Cleivan Paiva e o baixista Manel D’Jardim. Foi com Manel que João começou sua carreira solo, interpretando compositores caririenses, como Abidoral Jamacaru, artista com quem fez a parceria na composição “Oxum”, Luiz Carlos Salatiel e Geraldo Urano. Na carreira musical, ele voltou para Fortaleza e integrou o grupo Cearense de ópera na montagem da Ópera Nordestina “Moacir das Sete Mortes”. Entre trânsitos que ainda não se encerraram, João começou a atuar em outras ambiências, junto às *lives*, participações em *podcasts*, rodas de conversa e eventos outros para continuar resistindo em meio à pandemia.

É uma história longa e que ficará para outro momento, como continuidade, pois a vida não para e João continua rebolando, cantando e participando das cenas culturais, agora principalmente as digitais. Entre o movimento popular de tradição e a contemporaneidade, João se opõe a uma normatização de si, deixando ver tensões em uma composição de forças convergentes e divergentes, ao qual, a forma de tecer suas narrativas, se encaixa de uma forma a pensar os hibridismos culturais (CANCLINI, 2013), é perceptível no decorrer dos dois anos de pesquisa perceber com o cantor o que Clarke (2003) propõe pensar como uma forma de um bricolagem subcultural. J. Clarke propõe um tipo de bricolagem das subculturas, uma prática por meio das ações cotidianas nos espaços de transitoriedade:

Juntos, objeto e significado constituem um signo e, em qualquer cultura, tais signos são reunidos, repetidamente, em formas características de discurso. Porém, quando o bricoleur recoloca o objeto significativo em uma posição diferente dentro daquele discurso, usando o mesmo repertório geral de

signos, ou quando o objeto é colocado em um conjunto total diferente, um novo discurso é constituído, uma mensagem diferente veiculada (CLARKE, 2003, p. 177, tradução minha)⁷

De acordo com as contribuições de Mourão (2015), a arte reinterpreta o mundo e o ativismo visa transformar a sociedade, o que para Raposo (2015) é considerado como ativismo, um entrecruzamento entre arte e política. Isto é, um estímulo para as potentes possibilidades enquanto ato de resistência e subversão, utilizando-se de recursos estéticos, poéticos, artísticos e *performáticos*. Sobre ativismo, Raposo (2015) discorre:

A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. Ativismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística (RAPOSO, 2015, p. 5)

Sendo assim, alguns recortes da história de João do Crato nos permitem enxergar sobre movimentos políticos do seu corpo como parte de um movimento dissidente e de resistência contra toda a repressão contra a liberdade e a diversidade dos corpos que atravessa da oralidade às tecnologias midiáticas informacionais, ao qual Canclini (2013) ao falar sobre a urbanização como uma das causas da intensificação da hibridação cultural, “em que se dispõe uma oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com redes nacionais e transnacionais de comunicação” (p. 285).

João não delinea muito bem entre categorias ou limitações de si no que diz respeito à sexualidade, propõe uma ambiguidade. Em uma entrevista realizada em 2019

⁷ Citação original: “Together, object and meaning constitute a sign, and, within any one culture, such signs are assembled, repeatedly, into characteristic forms of discourse. However, when the bricoleur re-locates the significant object in a different position within that discourse, using the same overall repertoire of signs, or when the object is placed within a different total ensemble, a new discourse is constituted, a different message conveyed”.

para o Laboratório de Telejornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), João esboça uma narrativa ao afirmar que sempre teve “uma coisa da irreverência” e com o decorrer da sua trajetória foi tecendo “uma ligação muito forte com essa coisa da performance, da pouca roupa ou do brilho, ou de usar o corpo como uma coisa muito importante ligada ao canto, então assim, eu sempre gostei”,

[...] E essa questão da sexualidade, assim, é muito louca, porque as pessoas imaginam coisas inenarráveis sobre a sua pessoa quando você se expõe nesse sentido [...], a intenção é de fazer a revolução como um todo. A questão da sexualidade ela é muito particularizada, e a gente que fomos muito reprimidos... hoje eu fico felicíssimo quando eu vejo a proliferação de gêneros que está surgindo na nova sociedade [...], a gente não podia se dar o luxo naquela época, porque assim, ou você era ou não era, e assim, as pessoas não perdoavam, elas eram muito críticas e assim a gente recebia muita crítica no cotidiano, [...]. [A] questão da sexualidade, porque assim, eu acho que isso foi uma coisa que foi muito louca pra mim entender, mas no mais eu acho que foi um enfrentamento mesmo, e as relações foram muito interessantes sempre que aconteceram e eu acho que deu margem para eu ser uma pessoa super tranquila e super aberta, sem nenhum problema, e achando que tudo tem que rolar da maneira como o cosmos propõe e a gente tem que ir fundo, porque é legal, é maravilhoso, e é o que a gente leva... ir além mesmo” (entrevista com João em 11 de setembro de 2019⁸).

“O Super Artista”

Em 2019, quando fui a primeira vez na casa de João do Crato, lembro-me quando o artista começou a retirar roupas, acessórios e calçados do seu guarda-roupa para me mostrar. Naquele momento eu via uma teia de distintas narrativas e temporalidades serem apresentadas diante dos meus olhos, e então, das peças com lantejoulas, couro, renda, bordados, etc., um par de calçados plataforma são retirados. Ao ser indagado sobre a plataforma, o artista lembrou que teve outras bem mais altas que àquela que me apresentara, recorrendo às suas memórias para lembrar de uma que havia

⁸ Entrevista realizada com João do Crato como parte de um trabalho para o Laboratório de Telejornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA) no ano de 2019. Link para visualização: <https://www.youtube.com/watch?v=Dparut1JLoA>. Acesso em: 19 de novembro de 2020.

dado para Daniel Peixoto. Ao conversar com Daniel, ele discorreu brevemente sobre a sandália que teria sido presente de João:

[...] Essa história do sapato alto que você trouxe, assim, eu realmente não lembrava disso, eu vi uma foto dele, dos anos 1970, ele com essa plataforma e eu implorei para ele me dar de presente, quando ele me deu, eu nem acreditei. Era uma sandália plataforma que devia ter uns 20cm de altura[...] eu vi uma foto dele, dos anos 1970, ele com essa plataforma e eu implorei para ele me dar de presente, quando ele me deu, eu nem acreditei... era uma sandália plataforma que devia ter uns 20cm de altura, assim, não era um salto, era como se fosse um flats, e era meio mágico [...] (entrevista com Daniel Peixoto realizada em 18 de agosto de 2020)

Daniel iniciou sua trajetória como artista no Cariri, ainda muito jovem, conta que o Cariri foi o “berço”, não só das referências para a vida, mas também como a iniciação no teatro, na arte. O *performer* se identifica enquanto bissexual, mas sempre foi hostilizado, agredido, principalmente após ter voltado do Rio de Janeiro. “Eu já era fã do David Bowie, andava com as unhas pintadas, já andava maquiado, então imagina o que eu passei, isso já no final dos anos 1990”, confiou em falar isto remontando que na sua infância passou por absurdos gigantes e era difícil. “A estrada ainda é longa”, pontua o cantor.

Instigado em saber como poderia ambas as histórias se cruzarem fui em busca de pistas com Daniel que poderiam colaborar para reflexões sobre a importância política de João para a comunidade LGBTI+. Este pequeno recorte com Daniel Peixoto, cantor e *performer*, natural de Fortaleza, que viveu sua infância e adolescência no Crato pode auxiliar como vestígios que se entrelaçam ao que vêm sendo exposto neste texto, uma potência política com a qual relembra que esquecer de João é impossível, pois era costume vê-lo em sua casa já que ele é amigo de sua mãe:

Ele tinha uma força masculina, a voz grossa e [ele] alto, forte e ao mesmo tempo era completamente transgressor no visual, nas roupas que ele usava. E eu achava aquilo tão libertador. [...] O João sempre teve uma força muito masculina e com elementos de feminilidade. E agora eu te respondendo isso,

eu nunca tinha pensando sobre isso, assim, mas subconscientemente acabou me influenciando também porque era o que eu sempre quis passar. [...] Quando eu era adolescente eu comecei a trocar ideia com ele e a gente começou a se conectar, pois eu deixei de ser criança e pude conversar com ele sobre outras coisas, e ele era tão sábio, era não, ele é. Ele tinha tantas referências, ia além. E nos anos 1990 não tinha internet, existia, mas era limitada, e ele tinha conhecimento de moda, de música, etc. (entrevista com Daniel Peixoto realizada em 18 de agosto de 2020)

Daniel discorre que no final dos anos 1990 passou por “absurdos gigantes de homofobia no Crato”, de insultos à violência, o que fez ele sair do Crato em 1999, pois, na região as pessoas tinham dificuldade em aceitar o “esse visual [transgressor]”, o que para ele foi difícil ver sua família sendo cobrada publicamente pela sua personalidade e maneira de ser, “então foi ai que eu fui embora e nunca mais voltei, isso foi em 1999”, discorre o artista relembrando do quanto foi difícil, mas ele conseguiu, já alguns amigos dele “[...] foram mortos ou se suicidaram por conta dessa não aceitação dos corpos [...]”, finaliza o cantor sobre este triste assunto que converge com algumas falas de João.

Figura 3: Daniel Peixoto em ensaio para revista cearense



Fonte: Revista digital Somos Vós⁹

⁹ Disponível em: <<https://www.somosvos.com.br/ha-15-anos-ele-rasga-os-rotulos-que-caem-hoje/>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2020.

João do Crato, pode ter aberto caminhos para um ativismo das dissidências sexuais e de gênero na região. Principalmente pelo fato de que as performances de João se aproximam de um dos pontos que Colling (2018) traz ao apontar a forma que os artistas das dissidências trabalham. “Rejeitam a ideia de que, para serem respeitadas ou terem direitos, as pessoas devam abdicar de suas singularidades em nome de uma “imagem respeitável” perante a sociedade” (COLLING, 2018, p. 162).

Um dos momentos mais especiais para Daniel ao lado de João do Crato, é narrado com muita emoção ao falar do dia que ele teve a oportunidade de ambos dividirem o palco, em Fortaleza:

No dia que o Belchior morreu, estava tendo um evento, um festival de música em Fortaleza, que o João estava lá para se apresentar para fazer o show dele, e a gente conseguiu ensaiar um show, improvisado, com mais de 50 músicos cantando Belchior e o João estava nesse dia e foi a primeira vez que a gente pôde dividir um palco, e foi a coisa mais linda do mundo, assim, é como as coisas são cíclicas e como esse mundo dá voltas e a gente nunca imaginava aquele Daniel lá do Crato, com oito, dez anos que via o João arrasando, nunca poderia imaginar, que a gente tivesse cantando para 20.000 pessoas, juntos, assim, esse encontro de gerações é muito massa. (entrevista com Daniel Peixoto realizada em 18 de agosto de 2020)

Finalizando com um recado para João do Crato, Daniel diz para o artista “seguir fazendo o que ele sempre fez com maestria, [pois] ele inspira muitas pessoas, tem uma força gigante”. “João é uma pessoa que, com certeza, trouxe muita informação e muita coragem para eu seguir fazendo as coisas, e ele é um super artista”, finalizou Daniel.

Considerações inacabadas

João parece dar uma abertura e ambiguidade em sua fala no que diz respeito à sexualidade, mas não em suas narrativas que foram e estão sendo ainda tecidas na história do que conhecemos enquanto tempo. O artista parece borrar os fluxos entre o

que está convencionado e não aceitar se calar diante das normas que reprimiram a si mesmo e outros como Daniel Peixoto.

Novamente disputando esse espaço com João, Daniel traz um destaque que vejo como importante para esta escrita, pois para o artista que atualmente mora em São Paulo, “esse é um dos papéis fundamentais da arte: trazer clareza e mostrar uma outra possibilidade que não seja a do convencional, principalmente quando você tá em uma cidade pequena [...] [onde] todas as pessoas que pensam diferente são taxadas como afrontosas ou transgressoras”, e para ele, fica claro como pistas analíticas, a importância que João trouxe para a sua trajetória não somente enquanto artista, mas como pessoa LGBTI+ que teve que resistir e ser forte contra o preconceito vivido na pele.

João teve uma bricolagem subcultural entre roupas, danças, performances, sonoridades e corporeidades, um entrecruzamento das próprias experiência, possibilidades de se permitir emergir junto de microrevoluções como resistência, na tentativa de propor uma revolução como um todo, onde os corpos sejam livres, para que estes possam experimentar as múltiplas possibilidades de ser e de existir.

Referências

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do “falo” — uma história do gênero masculino. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BENTO, Berenice. **O que é Transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 4 ed. 6. reimp. São Paulo, Edusp, 2013.
- CLARKE, John. “Style” in: HALL, Stuart; JEFFERSON, Tonny. **Resistance Through Rituals**: Youth Subcultures in Post-War Britain. London and New York: Routledge, 2003, p. 175-191.
- COLLING, Leandro. A emergência dos artivismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. *Sala Preta*, v. 18, n. 1, p. 152-167, 2018.
- DELEUZE, Guilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. Ed. 34: Rio de Janeiro, [1980] 1995. Vol 1.
- ENTREVISTA - João do Crato. Direção de Walisson Angélico de Araújo. Produção de Walisson Angélico de Araújo; Beatriz Beltrão; Beatriz Oliveira; Joice Borges; Marina Diniz; Rosa Ravena; Aluísio Villar. Realização de Walisson Angélico. Coordenação de Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeira. Juazeiro

do Norte, 2019. (26 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dparut1JLoA&t=123s>. Acesso em: 20 out. 2020.

GADELHA, Simone Mary Alexandre. **O perfume azul, artifice da ruptura**: transgressão na cena rock de Fortaleza nos anos 70. 2018. 103f. - Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Fortaleza, 2018b.

GALVÃO, André Luís Machado. **O coronelismo nas narrativas de Wilson Lins**: espaços de poder. Feira de Santana, 2010, 120 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). PPG/LDC, UEFS, 2010.

MARQUES, Roberto. **Embaralhando Nordestes**: produção de sujeitos, tempos e espaços nas narrativas e performances de João do Crato. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 8, n. 2, p. 456-478, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/5052>>. Acesso em: 27 de junho de 2020.

MOURÃO, Rui. Performances artivistas: incorporação duma estética de dissensão numa ética de resistência. **Cadernos de Arte e Antropologia** [Online], Vol. 4, No 2 | 2015. Disponível em: < <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.938> >. Acesso em: 03 de jul. de 2020.

RAPOSO, Paulo. “**Artivismo**”: articulando dissidências, criando insurgências. **Cadernos de Arte e Antropologia** [Online], Vol. 4, No 2 | 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/cadernosaa.909>>. Acesso em: 03 de jul. de 2020.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina/ Editora da UFRGS, 2016.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1971] 1979. Tradução de: Waltensir Dutra.

João do Crato:

artist resistance between distinct temporalities and continuous tensions

Abstract: This cartography seeks to weave together with João do Crato, an artist from Ceará, narratives of a non-institutionalized political representation that is sewn by the body from art. Thinking of culture as an integral way of life, sew a subcultural bricolage with the artist, in the search to see the political and resistance disputes of sexual and gender dissidences going against the social and crystallized normativities of the region in the south of Ceará, in Cariri.

Keywords: Artivism, body and performance, Cariri.

Recebido: 01/05/2021

Aceito: 13/07/2021